

Primeira eleição foi às pressas

Na primeira ocasião em que os eleitores de Brasília compareceram às urnas para apontar os oito deputados federais e os três senadores para a Assembléia Constituinte, o processo foi conturbado. Às pressas, dezenas de candidatos arquitetaram a construção no DF de partidos políticos sem a menor expressão em nível nacional, com a intenção de conseguirem uma legenda. E o que se viu foi um festival de nomes e agremiações bombardeando a cabeça da população.

Com 26 anos de vida na época (1986), Brasília se acostumara a acompanhar pela imprensa as eleições nas demais localidades do País. Em nenhum momento os moradores com título eleitoral de Brasília haviam participado de uma campanha. A inexperiência foi problema inclusive para os candidatos.

Maria de Lourdes Abadia, eleita deputada federal pelo PMDB naquela oportunidade, e que hoje se encontra no PSDB, lembra algumas das dificuldades: “Não havia organização política, os partidos não existiam e todos queriam ser candidatos. Faltava mesmo eleitor para tantos pre-

tendentes a uma vaga. Era muito engraçado”.

ATROPELOS

E um desses momentos de “riso”, conforme recorda a parlamentar, foi a filiação partidária. Segundo ela, as assinaturas dos títulos de eleitor quase nunca “batiam” com as das fichas de filiação: “O Tribunal Regional Eleitoral devolvia, e a gente tinha que procurar as pessoas de novo, e sempre de olho no prazo”, explica.

No contato com a televisão, as dificuldades se avolumaram. Um veículo que decide as eleições, a TV era estranha para a grande maioria dos candidatos. “Um programa era gravado mais de dez vezes”, conta Maria de Lourdes Abadia. Francisco Domingos dos Santos, o Chico Vigilante, postulante a uma vaga na Câmara dos Deputados em 1986 — atual vice-presidente do PT — também teve seus “atropelos” em frente às câmeras.

“Eu tinha um minuto para falar. Sem condição financeira de gravar o programa político, eu ia para a frente da câmara e falava de cabeça”, recorda.